

## Personagens?

Tirando a Putz, não tem ninguém marcado, com nome, número, rótulo e etiqueta. Eu vejo a peça com seis ou sete figuras que vão assumindo formas diferentes. Só é dada a imagem externa - por meio de figurinos trocáveis - e a sugestão ou indicação de traços do personagem pra fazer o ator se soltar na pele dele. Se o diretor fizer muita questão vai lendo e fazendo a lista. Só que aí é capaz de dar um catálogo de telefone, e ele não vai ver que não há nenhuma cena com mais de sete personagens.

Agora Putz, pra mim, é uma menina, que não pode deixar de ser viva, inquieta e disposta - mesmo quando triste.

## Cenários ?

Tem não. Quer dizer, não tem aqueles negócios construídos, armados, tentando truques e ilusões que não são nem a metade da fantasia da gente. Tem luz - luz eu gosto, muito! - e som e um clima pra cada cena, alegre ou agressivo, ou doce, ou mágico, ou louco - tudo que cabe nas transas de gente com gente e não dá pra ficar adjetivando senão acabo com o dicionário. O resto muito simples, com apliques e detalhes e, mais que tudo, a peça em cima dos próprios atores, suas figuras, figurinos e marcações em cena. Acho que dá pra entender, então, que tudo depende da inventiva - "criatividade" é palavra que eu não aguento mais, de tão usada ninguém sabe mais o que é - do diretor, do cenógrafo e do figurinista. Ah! E do coreógrafo: precisa muito de um. Mas se eles não tiverem imaginação não dá nem pra começar.

Quando as crianças entram, naquela de sair correndo e procurar lugar pra sentar e gritando falando chamando e tal, Putz já está sentada - luz nela - em silêncio, boneca meio pendurada no colo, olhando tudo. Cara curiosa de quem observa e busca e descobre e se alegra ou se intriga ou se espanta. E. Ou. Um tempo. Sem pressa. Deixar as crianças descobrirem Putz. Em silêncio - mesmo que seja o silêncio barulhento das crianças se ajeitando ainda. O silêncio sem palavras - só olhos nos olhos, começo da comunicação. Quando o silêncio for total, entrarão pela plateia, numa algazarra daquelas, todos os outros atores, vestidos do personagem

: árvore, poste, estátua etc. - que tiverem escolhido para se apresentar no momento.

: Depressa!

: Ai, não pisa!

: Cuidado!

## A MENINA QUE BUSCAVA O SOL

Texto de Maria Helena Kühner

: Trouxe tudo?

: Sai da frente!

: Calma!

: ETC.

(ETC são os atores colaborando nas falas, até que, no meio da plateia, formam súbito bolo ao estacar com a exclamação de um deles):

: Olha lá, olha lá, olha lá!

: Que é aquilo?

: Uma menina...?

: Tem gente nesta peça?

: Tem não!

: Só tem!

: Ele disse gente, mesmo?...

(Param todos, indecisos, cara de tampa de açucareiro. Pausa.)

: E agora?...

: Com gente eu não trabalho!

: Metida, veio na frente só pra se mostrar!

: Até que ela tem uma carinha simpática...

: Calma, pessoal, é a Alice.

: Alice?... Que Alice?

: Ah, não é, não. Alice tá governando o País das Maravilhas que a Rainha de Copas tá de férias.

: Ai, meu Deus, que confusão!

:E eu que estava tão quieto no meu canto!

## A MENINA QUE BUSCAVA O SOL

Texto de Maria Helena Kühner

: Vamos mandar que ela saia de lá!

: Não. É só fingir que não estamos vendo.

: Isso! Invasores o palco, que ela sai!

: Bobagem. Ela tá ali, não tá? Então o melhor é chegar lá e perguntar pra ela:  
"Quem é você, hein?"

: E o que é que ela tá fazendo aqui!

(Todos concordam e seguem juntos. Mas já próximos, param e começa um jogo de empurra):

: Vai você!

: Eu não, vai você!

: Eu não gosto de gente!

: Não morde, não!

: Vai você, que sabe falar bem.

: Só pra perguntar isso, não precisa.

: Ih... Eu vou, pronto!

(Caminha alguns passos. Os outros na expectativa. Ele para súbito e volta.)

: Que é que é pra perguntar mesmo, hein?

: Pergunta quem ela é.

: Fica mal-educado, ir chegando e perguntando: "Hei, você aí, quem é você?"

: Fala com jeito, mansinho... Dá bom-dia, primeiro: "Bom-dia, menina. Como vai?..."

(Putz veio chegando sem eles notarem.)

PUTZ: Bom-dia!

(Susto. Zum-zum e confusão, depois perguntam quase ao mesmo tempo):

: Quem é você?

## A MENINA QUE BUSCAVA O SOL

Texto de Maria Helena Kühner

PUTZ: Eu sou Putz.

: Putz...?

: É gente, não disse?

: Putz não é nome de gente.

: Como é que não?

: É nome de que, então?

: Vai ver é apelido.

PUTZ: É o meu nome.

(As figuras continuam não entendendo nada.)

: Coisa mais esquisita!

: Será que ela existe mesmo?

: Você tem certeza que é desta história?

: Isso! Pode ter tomado a condução errada!

: Não está vestida para entrar na peça!

: Que é que você está fazendo aqui?

PUTZ: Eu vim buscar o Sol.

: Buscar o Sol...?

: Buscar o Sol...

: Buscar o Sol?!

: É louca?

: Parece.

: Gente, não disse? Tinha que ser!

: Isso não, que quando viajei pelo Brasil também vi uma minhoca que só andava para trás.

: Ah, mas isso é no Brasil, não é nesta história.

: Você tem certeza que é mesmo desta história?

: Pra que é que você quer o Sol?

PUTZ: É que a luz do Sol tem todas as cores juntas.

: Todas as cores...?

: Quem disse?

: Isso tem, sim: não vê quando ele brinca de arco-íris?

: Ahn... Todas as cores... E daí?

PUTZ: É que, quando eu era menor, minha mãe queria que eu fosse azul como ela, meu pai vermelho como ele, e meu avô, amarelo e meu tio, verde, e meus irmãos, cada um queria que eu fosse de sua cor. E eu não quero ser de uma cor só. Por isso vou buscar o Sol, que tem todas as cores.

(Zorra total de novo. Fala-fala confuso, todo mundo discutindo. Se é confuso, não preciso dar as falas, que não é pra entender mesmo. Até que):

:Ih! Não entendi nada!

PUTZ: Não entendeu? Quem tem todas as cores pode escolher. E pode colorir todas as coisas. E pode pegar uma pessoa lilás, desbotada, sem cor e sem vida e pintar de...

: Ih, complicação!

: Sabe que mais? Deixa pra lá.

: Já estamos ficando atrasados.

: É. Vamos cuidar de nossa vida.

: Não podemos perder tempo com gente!

: Desculpe, Putz, mas tá na hora do trabalho.

: Leva a mal, não, viu? Se eu achar o Sol, embrulho e mando pra você.

: Olha, procure na praia, ele tem mania de ir à praia.

## A MENINA QUE BUSCAVA O SOL

Texto de Maria Helena Kühner

: Eu sei, eu sei onde ele está! Eu vi!

PUTZ: Viu?!

: Tá no anúncio da calça BOBS: um sol grandão, com raios bem vermelhos!

PUTZ: Não é Sol de anúncio, não...

: Ih, andem, que a peça já devia ter começado!

: O diretor vai dar aquela bronca!

: É. Vamos, vamos...

: Tchau, Putz! Até que achei você engraçadinha...

: Tchau!...

(Vão saindo, sempre afobados, confusos ( já deu pra ver que são muito confusos, não?) e Putz vai voltando a seu lugar, desapontada.)

VOZ (off): Putz, hein?

PUTZ: Ahn? Quem falou aí?

VOZ: Eu.

PUTZ: Eu, quem? Está escuro aí, não estou te vendo.

VOZ: Eu!

(Pula para o claro: é um Coelho branco.)

COELHO: Olá!

PUTZ: Olá! Quem é você?

COELHO: Eu sou eu. E você?

PUTZ: Eu sou Putz...

COELHO: Hum... E quer buscar o Sol. Já sei.

PUTZ: Sabe...?

COELHO: Claro.

PUTZ: Como é que você sabe?

COELHO: Eu sei das coisas. Por exemplo: também sei que vai querer que eu lhe ensine o caminho.

PUTZ: Você sabe o caminho? Puxa, que bom! Eu não sabia por onde começar! Você sabe mesmo?

COELHO: Hum... Talvez sim, talvez não. Depende.

PUTZ: De quê?

COELHO: Depende, depende, depende. Você gosta de brincar?

PUTZ: Se eu gosto de brincar? Muito! Por quê?

COELHO: Quem não sabe brincar perde o caminho.

PUTZ: E é por isso que você não para?

COELHO: Claro. Estou sempre brincando!

PUTZ: Podemos brincar juntos de viagem!

COELHO: Hum... Primeiro vamos ver se você não está mentindo.

PUTZ: Se mentisse, azar meu. Você não disse que quem não sabe brincar se perde?

COELHO: Hum... Vamos ver, vamos ver... Responda bem depressa: se eu plantar uma semente no meu umbigo, o que acontece?

PUTZ: Uma semente no seu umbigo... Agora eu que digo: depende. Semente de que árvore?

COELHO: Qual a receita de pastéis de vento?

PUTZ: Nuvem de água mais nuvem de sonho e uma pitadinha de uma coisa que só a mãe do Pluft sabe.

COELHO: E se não chover como é que vai ser?

PUTZ: O Pequeno Príncipe vai morrer de sede no deserto.

COELHO: Hum... E você quer mesmo buscar o Sol?

PUTZ: Quero!

COELHO: Então venha comigo. Por aqui.

PUTZ: É pra já!

(Luz apaga e acende, vezes seguidas, ela atrás dele, de um lado para o outro. Coelho com a cara bem maneira, moleque, tapeador: vê-se que está tramando alguma.)

PUTZ: Coelho, você está me enganando: primeiro disse que era pra lá!

COELHO: Não, não, me enganei. É pra cá. Vamos!

(Idem.)

PUTZ: Não vejo nem sinal do Sol!

COELHO: Calma. Não é tão perto assim.

PUTZ: Mas nós chegamos lá, não chegamos?

(Idem.)

PUTZ: Falta muito? Estou ficando cansada.

COELHO: Quer parar?

PUTZ: Não!

COELHO: (para) Tem certeza de que quer ir mesmo?

PUTZ: Já disse que tenho!

COELHO: Então vamos em frente!

PUTZ: Mas falta muito ainda?

(Idem.)

COELHO: Hum... Vejo que está caindo de cansada.

PUTZ: E estou! Caindo de cansada, mesmo!



COELHO: Quer desistir? Ainda falta um pedaço!

PUTZ: Não, eu vou!

COELHO: Hum... Decidida? Resolveu que vai mesmo?

PUTZ: Já disse que sim!

COELHO: Está bem. Então podemos começar a viagem.

PUTZ: HEIN?!...

COELHO: Eu disse: então podemos começar a viagem.

PUTZ: Mas... Você é louco? Pra que é que estivemos rodando assim de um lado para o outro?

COELHO: Era preciso.

PUTZ: Era preciso? Era preciso por que?

COELHO: Pra ver.

PUTZ: Para um instante e me explica! Ver o que?

COELHO: Se você é teimosa.

PUTZ: Se eu sou teimosa? Não entendi. E não se pode ser teimosa?

COELHO: (Para) O contrário: é preciso ser muito teimosa, saber querer as coisas. Você disse que quer buscar o Sol. Não é fácil. É longe e o caminho é perigoso, cheio de riscos. Muitos desistem no começo ou no meio. Vai ver.

PUTZ: Eu não vou desistir!

COELHO: Bom, pelo menos passou pela primeira prova. Acho que vai saber buscar.

PUTZ: Então podemos ir?

COELHO: Podemos. Mas lembre-se do que avisei: não vai ser fácil. Vai ter que atravessar água, ares e fogo, passar muitos perigos, enfrentar coisas que você nem sonha.

PUTZ: Não tenho medo. Eu quero ir.

COELHO: Hum... Não tem medo? É o que vamos ver...

PUTZ: Vai ver, mesmo!

COELHO: Então, a caminho. Prepare-se: estamos chegando na terra dos ventos.

(Black-out. Foco só sobre marco de estrada: TERRA DOS VENTOS. No escuro, alegre gargalhada infantil. Ao acender, garoto vestido de vento, pequeno ventilador nas mãos, fazendo aquela bagunça em cena: com floresta de fios de papel, ou varal com roupas, ou qualquer outra imagem cênica que possa refletir seu movimento.)

COELHO: Vento Sul! Que é que está fazendo?

VENTO: Brincando!

PUTZ: De quê?

VENTO: Ora, de quê! De ventar! Vem brincar comigo!

PUTZ: Eu não sei brincar de vento...

COELHO: Ora, é só ficar bem solta, bem solta, e girar com a gente e pôr tudo em movimento.

VENTO: Toma, eu lhe empresto esse motor. Vovó Cibernética me deu de Natal. Agora junto meu sopro com o dele e faço um vento daqueles!

COELHO: Deve ser um bocado divertido!

VENTO: Se é! Olha só...

VOZ: (off) Vento Sul! Vento Sul...? Onde é que você está?

VENTO: Ih! Pronto! Mamãe!...

COELHO: É Dona Ventania?

VENTO: É. Lá vem bronca!

COELHO: Bronca por quê?

VENTO: É que já sei que vai falar um bocado: que eu não tenho nada que ficar levantando a saia das garotas. E tirando o chapéu de todos os carecas. E acordando as folhas que ficam dormindo no chão... E garanto que alguma árvore deve ter ido dizer que despenteei a cabeleira dela!

COELHO: (Para Putz) Cuidado! D. Ventania não é brincadeira!

(Vento começa a crescer - como se vê nos objetos de cena e expressão corporal dos atores.)

PUTZ: Coelho! O vento está me empurrando!

VENTO: Segure-se! Mamãe quando vem zangada sai carregando tudo!

COELHO: Vamos sair daqui!

PUTZ: Não estou conseguindo andar!

COELHO: Firme os pés no chão e siga em frente!

(Vento Sul tenta ajudar sem conseguir.)

PUTZ: Minha boneca! Espere!

COELHO: Não se vire que depois não consegue mais andar!

VENTO: Eu guardo pra você!

PUTZ: Mas eu queria...

VENTO: Espere, eu vou ao encontro dela, pra não deixar que venha até aqui!

(Sai, no mesmo movimento. Enquanto Putz e Coelho saem "empurrados", e como que envolvidos em um turbilhão, chegando a um ponto atrás em que...)

PUTZ: Olha!

(Luz se abre sobre três figuras humanas - eu disse "humanas"? Deveria ter dito estátuas. E também podem ser três, ou quatro, ou cinco - tem todo um bando espalhado por aí, mas, na hora de escrever, a gente, que já conhece de perto os problemas de produção, vai reduzindo o número... O que importa é que eles, qualquer que seja seu número, estão parados, quase imóveis e suas poucas falas e gestos serão absolutamente rígidos e uniformes, como uma parada militar que virasse foto e filme e filme e foto. Tá? (Rubrica difícil, nossa!) Traje ou apliques de metal dourado e prateado, rostos com máscaras idênticas e impessoais.)

PUTZ: Que estátuas são aquelas?

COELHO: Não são estátuas.

PUTZ: Não...? Então por que é que estão assim parados, duros, como se... Olha! Estão se mexendo!

## A MENINA QUE BUSCAVA O SOL

Texto de Maria Helena Kühner

COELHO: É que o vento está forte demais.

ESTÁTUAS: 1- O vento!  
2- O vento!  
3- O vento!

PUTZ: Que é que vão fazer? Melhor sair daqui!

COELHO: Não tem perigo. Nós podemos correr, eles mal andam. É que quando o vento aumenta, eles ficam com medo e com frio. E por causa do medo e do frio eles se juntam, encostam seus corpos um no outro...

PUTZ: Mas nem se olham... Esquisito!

VOZ: Que fazem aqui?

(Surgiu por trás deles uma estranha figura, traje todo dourado, metálico e brilhante, agigantada em seus coturnos altos: é o chefe do bando. Putz recua, assustada. O Coelho some em dois saltos.)

CHEFE: Que faz aqui, menina?

PUTZ: Eu... eu vim buscar o Sol.

CHEFE: Hein? Buscar o Sol...? Pra quê?

PUTZ: É... Para... para ter em mim todas as cores juntas. E o calor... Com o calor eu acabava com o medo e o frio deles... E podia também...

CHEFE: Já serve, a explicação. Gosto de ver que está me procurando.

PUTZ: Procurando o senhor...?

CHEFE: Mas é claro que é ingenuidade sua querer me buscar, ou pensar que eu possa ir com você: é você quem tem que estar a meu serviço. Vou lhe arranjar um lugar para trabalhar.

PUTZ: Hei! Não, espere! Não é isso! Eu não quero ficar a seu serviço! Eu...

CHEFE: Não veio buscar o Sol? Sou eu, o Sol.

PUTZ: O senhor?!...

CHEFE: Sim. Não vê meu brilho?

## A MENINA QUE BUSCAVA O SOL

Texto de Maria Helena Kühner

ESTÁTUAS: 1 - O brilho.  
2 - O brilho.  
3 - O brilho.

PUTZ: Mas...

CHEFE: Mas, o que?

PUTZ: Não sei... Acho que não é isso...

CHEFE: Não me faça perder tempo!

ESTÁTUAS: 1 - Tempo...  
2 - Tempo.  
3 - Tempo!

PUTZ: Eu... eu não acredito que o senhor seja o Sol!

CHEFE: Ahn?! E por que não?

PUTZ: O Sol... o Sol ilumina tudo em volta. O Sol dá luz. Então por que aqui é escuro assim?

CHEFE: Ora, luz... E agora?

(Acende-se luz forte, geral. Ela olha em torno, zozna.)

ESTÁTUAS: 1 - E agora?  
2 - E agora?  
3 - E agora?

CHEFE: E ainda aumento e reduzo esta luz à vontade. Veja! (Demonstra)

PUTZ: Mas... o Sol é quente. O Sol dá calor. Então por que eles estão com frio?

CHEFE: Quer calor? Vai ver se não ficam suando...

(Gesto dele e em câmara lenta o grupo começa a afastar-se e ela mesma a demonstrar calor.)

PUTZ: E então...?

PUTZ: Com tudo isso... O Sol tem em si todas as cores juntas! Por que o senhor é de uma cor só?

CHEFE: Porque e porque e porque e porque! Chega! Você faz perguntas demais! E

## A MENINA QUE BUSCAVA O SOL

Texto de Maria Helena Kühner

discute o que eu digo! Não gosto que discutam o que eu digo! Eu sou o Sol, já disse!  
Pergunte a eles: quem sou eu?

ESTÁTUAS: 1- O SOL !  
2- O SOL !  
3- O SOL !

CHEFE: Viu? ...

PUTZ: Não sei explicar. Tem qualquer coisa errada. Não é assim o Sol que eu queria.

CHEFE: Bobagem. Venha comigo. (Segura-a) Com essa pele lisa e fina entra toda a sujeira do ar: vou mandar cobri-la com meu pó de ouro.

PUTZ: Não! Eu não quero essa cor fria, não quero uma só cor, não quero ficar aqui!

CHEFE: Hein? Não quer ficar?!... Bobagem!

PUTZ: Me larga! Socorro!

CHEFE: Não seja teimosa!

PUTZ: Teimosa... O Coelho disse para ser teimosa... O coelho... (Procura) Coelho, socorro!

CHEFE: Hein?!... Quem é que você está chamando?

PUTZ: O Coelhoinho que veio comigo. É meu amigo, gosta de brincar.

CHEFE: Ah, aquele... Brincar, você disse? Aqui não se brinca! Há muito que fazer! Meu ajudante, o tempo, e seus guardas, vigiam o dia todo para ver quem brinca! Guardasss!

(Entra um homem-relógio. As estátuas em fundo iniciam tique-taque e movimento correspondente de corpo.)

GUARDA: Sim, senhor?

CHEFE: Procure um coelho que deve estar por aí... brincando!

GUARDA: Sim, senhor.

PUTZ: Não! Ele não fez nada!

CHEFE: Como, não fez nada? Perder tempo brincando é um crime!

VENTO: Quem não sabe brincar vira estátua!

PUTZ: Vento Sul! Que bom te ver!

CHEFE: Ahn? Pra que é que serve a brincadeira? Pra nada! Atrapalha o trabalho, diminui a produção, vira tudo uma desordem!

PUTZ: Quem não sabe brincar perde o caminho! O Coelho disse!

CHEFE: Vocês têm muito que aprender aqui! (Para o guarda) Ande, procure o tal coelho e traga-o aqui! Quanto a vocês...

VENTO SUL: Olha, ele está aí, atrás de você!

CHEFE: (Vira-se) Hein? ...

VENTO SUL: Corre, Putz!

(Saem correndo. Os outros tentam pegá-los, mas movem-se com dificuldade em seus coturnos altos.)

CHEFE: Peguem esses dois!

ESTÁTUAS: Peguem! Peguem!

VENTO SUL: Me pegar? Duvido! Pra cá, Putz!

(As estátuas também se movem, mas seus movimentos são rígidos e lentos, semi-robotizados. Jogo de cena entre eles: aquele de bobo, que se faz com a bola, ficando um no centro daria uma idéia. O importante é marcar a soltura e agilidade dos menores em contraste com a rigidez dos grandes. A um canto, na boca de cena, surge um cavalo branco. Luz vai caindo atrás, em resistência, sobre a perseguição nervosa dos demais, desorientada pela agilidade permanente do pequeno Vento Sul.)

CAVALO: Putz! Por aqui, depressa!

PUTZ: Hein?... Você me conhece?

CAVALO: Hum... Como é que não? Eu não vim com você?

PUTZ: Quem veio comigo foi o Coelho.

CAVALO: Eu sou o Coelho.

PUTZ: Coelho?! Você é um cavalo.

CAVALO: E por que não posso ser coelho e cavalo? Ter mais de uma forma?

PUTZ: Mais de uma forma...?

CAVALO: Não sabe que quando a gente cresce se transforma?

PUTZ: E você está crescendo?

CAVALO: Você também. Tudo que é vivo cresce.

PUTZ: Olha! Eles vêm vindo pra cá!

CAVALO: Corre!

PUTZ: Pra onde?

CAVALO: Em frente, rápido!

(Também em boca de cena entrou pelo outro lado um simpático poste de luz, muito elegante em seu traje todo escuro, luvas brancas, losango metálica na cabeça - daquele tipo lanterna estilo antigo. Fala e tom de acordo, tudo muito acadêmico, “doutoral”. Na corrida chegam junto dele.)

POSTE DE LUZ: Esconda a menina ali atrás e deixe o resto comigo. Rápido!

(O Chefe vem se aproximando do poste.)

CHEFE: Viu por aqui uma menina e um coelho?

CAVALO: Coelho? Se achar um eu mando pro seu almoço.

POSTE DE LUZ: Vi alguém passar, sim, numa carreira desabalada!

CHEFE: Isso! Para onde foram?

POSTE DE LUZ: Pra lá! Ou melhor, acolá, muito além!

CAVALO: Do jeito que corriam, já devem estar longe!

CHEFE: Vou rápido! Guardas! (Em eco, saindo) Guuuuardas!

POSTE DE LUZ: Pronto. Pode vir, menina.

CAVALO: Obrigado, Snr. Poste.



PUTZ: Puxa, o senhor foi sensacional!

POSTE DE LUZ: Ora, nem por isso. Sempre ajudo a esclarecer, aclarar, elucidar, tornar claro qualquer problema ou fato.

PUTZ: Então me diz urna coisa: tem muita gente, essa Terra dos Ventos?

POSTE DE LUZ: É a mais habitada, a mais populosa, a de maior densidade demográfica. Porque é a primeira etapa do caminho.

PUTZ: Fiquei com pena daquelas estátuas. Quase chamei para virem conosco.

CAVALO: Já viu estátua andar? Não saem de lá.

PUTZ: Por quê?

CAVALO: Ora, porque...

POSTE DE LUZ: Simples, claro, elementar: têm medo, receio, temor do que podem encontrar no caminho.

PUTZ: Medo?!... Mas lá é muito pior: aquele sol que não é sol... e os guardas-relógio... e não se pode brincar, só trabalhar pra ele.

CAVALO: Mesmo assim ficam lá.

PUTZ: Parados, a vida toda?

POSTE DE LUZ: Exato. Parados no lugar que o Falso Sol escolhe, olhos fixos, vidrados, pregados nele. E parados desaprendem de andar. O corpo todo vai ficando duro. Até que um dia viram pedra. E morrem.

PUTZ: Nossa!

CAVALO: E como é que se sabe quem morre?

POSTE DE LUZ: Simples, meu caro: quando chove sobre ele e ele não sente, não reage, não move um dedo mais... é que está morto.

PUTZ: Coitados!

CAVALO: Pois nós, que estamos vivos... a caminho!

PUTZ: Poste de Luz, você esclarece mesmo as coisas! Agora mesmo é que não paro aqui!

## A MENINA QUE BUSCAVA O SOL

Texto de Maria Helena Kühner

POSTE DE LUZ: Ora, é minha função: fico aqui na fronteira para isso.

CAVALO: Até a volta. Obrigado.

PUTZ: Lembranças ao Vento Sul! Diga que gostei muito dele!

POSTE DE LUZ: Digo. Tomara que ele cresça logo e faça as coisas mudarem aqui!

PUTZ: (Saindo) Uma pergunta só, mais: pra onde estamos indo?

POSTE DE LUZ: A próxima etapa... (olha hesitante o Cavalo) Digo?...

CAVALO: É a Terra do Fogo.

PUTZ: A Terra do Fogo...?

CAVALO: Vamos!

POSTE DE LUZ: Boa viagem!... (vendo-os sair) Tão novinha, ela. Tomara que não se queime toda quando passarem pela Terra do Fogo.

(Black-out. Foco primeiro só sobre marco de estrada: Terra do Fogo. Início da música "Dança Ritual do Fogo" que De Falla, sem saber, compôs especialmente para esta peça. Perder a mania de que só a palavra comunica: ninguém vai abrir a boca nesta cena. Ao acender surgem as figuras anteriores (já sem máscaras e apliques dourados) agora com mantos ou panejamentos em tiras que, com o movimento e luz, os transforme em chamas vivas. Tons do vermelho vivo ao amarelo. A ação, o nome da música diz: dança ritual do fogo. Luz pouca, dando clima. E chega, que não vou ficar dirigindo a peça nas rubricas. No meio da dança entra Putz: só em coreografia, também, seu medo inicial e esboço de fuga, a que se segue a atração e o envolvimento das chamas. O Cavalo surge também no meio das chamas. Putz para, encantada. Depois corre para ele e começam a dançar juntos. As chamas, em torno, envolvem os dois. Ao baixar novamente a música, as chamas vão se afastando e com a luz agora subindo, mais e mais, vê-se que Putz está com novos trajes. As chamas saem. Luz cai em resistência sobre Putz e o Cavalo, saindo também.)

(Reacende com eles caminhando.)

PUTZ: Meu vestido pegou fogo.

CAVALO: Já não cabia mais, você está crescendo.

PUTZ: No começo deu medo, essa Terra do Fogo. Pensei até em voltar. Mas depois comecei também a dançar, dançar e... Olha! Uma árvore! Como é que conseguiu

passar pelo fogo? Madeira queima!

CAVALO: Não é árvore, é gente.

PUTZ: Hein?! Gente?!

(Luz vai se abrindo atrás sobre três árvores enormes. A cena agora é em todos os tons de verde. Putz se aproxima de uma, curiosa, olhando, bem no meio do tronco, seu rosto (o do coitado do ator que largou correndo seu manto de “fogo” para entrar na casca de uma árvore).)

PUTZ: Boa tarde!

1ª ÁRVORE: Hein?!... Ahn?.. Não grite! Como é que vai assustando a gente assim? Não respeita ninguém?!

PUTZ: É que... desculpe... eu não sabia que o senhor estava dormindo.

1ª ÁRVORE: Não sabia, não sabia! É sempre a desculpa que dão! Se não sabia tratasse de saber! E eu não estava dormindo!

A 2ª árvore estende o galho e toca o ombro de Putz. Ela se volta.

2ª ÁRVORE: (Baixo) Não liga para ele, não. Resmungue de tudo. Não falasse com ele, ia reclamar que não lhe deu atenção.

1ª ÁRVORE: Que é que já estão cochichando aí? É de mim, não é? Garanto!

2ª ÁRVORE: Ih... lá vem...

PUTZ: Não, é que...

1ª ÁRVORE: Já sei, já sei que ela está dizendo que meus frutos são azedos, não prestam!

CAVALO: E até que são mesmo. Estou acabando de provar um e cuspi fora.

1ª ÁRVORE: Não pedi sua opinião! Não falo com animais!

CAVALO: Tá bem, tá bem. Por isso mesmo vou é sair por aí, colhendo frutos.

(Sai)

PUTZ: Não se zangue assim. Ela falou comigo porque viu que eu só estava dando atenção ao senhor.

1ª ÁRVORE: Hum...Que é que você está querendo, hein? A resposta é de quem quer me agradar. E quem fica querendo agradar é porque está com alguma intenção!

PUTZ: Não estou com intenção alguma. Eu...

1ª ÁRVORE: Eu sei, eu sei como é que são as coisas. Ninguém pergunta o que eu quero, do que preciso. Querem só tirar meus frutos, cortar meus galhos, arrancar minhas folhas...

2ª ÁRVORE: Saia de perto dele, então. Venha cá comigo.

1ª ÁRVORE: Saia de perto dele, não é? Está com inveja? Inveja só porque ela veio falar foi comigo? Inveja porque, apesar de você ficar me intrigando e falando mal de mim, ela continua aqui?

2ª ÁRVORE: Ih, venha cá, menina, sente aqui, em minha raiz. Não quer uma fruta?

1ª ÁRVORE: Invejosa! Quer é tirar a menina de mim! Não vá lá! As raízes dela estão cheias de formigas, vão te morder!

2ª ÁRVORE: Não mordem mais que as suas palavras! Só vê maldade em tudo!

3ª ÁRVORE: (Acordando) Oooooopa, assim não dá!... É proibido dormir aqui, é?

1ª ÁRVORE: Proibido, não. Mas que não é hora de dormir, não é, não!

3ª ÁRVORE: Hora de dormir é a hora que dá sono.

1ª ÁRVORE: Planta normal dorme de noite! Agora, as loucas, as vadias, os...

3ª ÁRVORE: ... dormem à hora que querem, escolhem o que querem fazer. Eu, por exemplo, passei a noite namorando a Lua.

2ª ÁRVORE: A Lua... Não vejo graça. Por que é que não namora quem está perto?

3ª ÁRVORE: A Lua é linda: mansa, suave...

2ª ÁRVORE: Hum... Grande coisa...

3ª ÁRVORE: E carinhosa, muito carinhosa: quando viu que eu não parava de olhar pra ela, estendeu sua luz até minhas folhas; eu fechei os meus galhos, assim; ela riu e começou a me fazer cócegas, tentando achar um buraco pra passar até o chão. E começam um brinquedo, de mexer a luz e a sombra para ficar inventando desenhos no chão...

## A MENINA QUE BUSCAVA O SOL

Texto de Maria Helena Kühner

1ª ÁRVORE: Desenhos no chão!... E pra que é que serve isso?

2ª ÁRVORE: Serve tanto quanto uns frutos azedos e que ninguém come!

1ª ÁRVORE: Já sabia que ia defender seu querido!

2ª ÁRVORE: Meu querido, não. Não viu que ele gosta é da Lua?!

(Apito estridente e surge um Grilo, verde-olivamente empertigado.)

GRILO: Aaaaaaaah! Eu sabia, eu sabia!... Que é isso?

3ª ÁRVORE: Não é isso. Não vê que é uma menina?

GRILO: Silêncio! Não responda assim a uma autoridade!

2ª ÁRVORE: Começou...

GRILO: Uma menina, não é? Está multada!

PUTZ: Hein?!...

2ª ÁRVORE: Espere, Seu Grilo, ela acabou de chegar. Ainda não conhece as leis daqui.

1ª ÁRVORE: Se não conhece devia ter-se informado!

2ª ÁRVORE: Puxa-saco...

3ª ÁRVORE: Que impressão ela vai ter de nós se mal acaba de chegar e vai sendo multada, assim, sem mais nem menos?

PUTZ: Mas... multada por quê? Eu não fiz nada!

2ª ÁRVORE: Viu...? Ela não sabe de nada!

GRILO: Como não fez nada? Você chegou andando e continua andando!

PUTZ: E que tem isso?

GRILO: Lei é lei: quem anda tem que pagar. Andar tem preço. Ninguém anda sem pagar pelo que andou.

3ª ÁRVORE: Vai com calma, Snr. Grilo! Ela está só...

## A MENINA QUE BUSCAVA O SOL

Texto de Maria Helena Kühner

GRILO: Olha o tom! Não fale assim comigo! Eu sou uma autoridade!

2ª ÁRVORE: Snr. Grilo, o senhor está tão simpático hoje... A farda é nova? Ou é o senhor que está cada vez mais moço e mais bonito?

GRILO: Bem, eu... Claro que...

1ª ÁRVORE: Depois eu é que sou puxa-saco!

GRILO: Silêncio! Não saiam do assunto! Explique-se, menina!

PUTZ: Eu... eu sou Putz e cheguei aqui agora. E...

3ª ÁRVORE: Ela só está andando por enquanto. Mas vai ficar aqui conosco. Vai virar árvore, criar raízes e...

PUTZ: Não!

2ª ÁRVORE: E por que não? É bom, ser árvore.

1ª ÁRVORE: Está fazendo pouco de nós?

PUTZ: Não, é que eu...

GRILO: Se for árvore não paga!

PUTZ: Mas eu não quero ser árvore!

2ª ÁRVORE: Não diga não sem saber. Alguma vez já foi árvore?

PUTZ: Não, mas...

3ª ÁRVORE: Então? É bom ter as raízes crescendo na terra, e ser agasalhada e aquecida por ela; sentir a chuva entrando na pele, devagar, até a raiz mais funda; ver que sua sombra dá abrigo a quem passa na estrada...

2ª ÁRVORE: Sentir os passarinhos fazendo ninho em seus braços...

1ª ÁRVORE: E servir de lenha, quando um lenhador vier e tá! acabar com você!

2ª ÁRVORE: E quando chega a estação dos frutos, sentir as sementes crescendo dentro de você, devagar, como se fosse você que estivesse se abrindo mais e mais, criando vida nova...

GRILO: Chega de blá-blá-blá! Resolve de uma vez! Sou uma autoridade, não posso perder tempo!

3ª ÁRVORE: Nós também viemos andando. Como você.

1ª ÁRVORE: Mas quando chegamos aqui, os pés estavam duros de tanta poeira!

2ª ÁRVORE: E aqui era bom: havia sombra e pássaros e as árvores todas davam frutos.

3ª ARVORE: E paramos: as raízes cresceram e viramos árvores também.

1ª ÁRVORE: Fica conosco!

3ª ÁRVORE: (Cada vez mais envolvente) Fica...

2ª ÁRVORE: Fica...

1ª ÁRVORE: Já que está aqui, o melhor é ficar!

GRILO: Ou fica... ou paga o preço para andar!

PUTZ: (Indecisa, zozza) Aqui é bom... Eu gostei de vocês... Mas... Mas falta alguma coisa...

3ª ÁRVORE: O que é que falta?

PUTZ: Não sei. Falta...

2ª ARVORE: É impressão sua!

1ª ÁRVORE: Falta, falta! Mania!... Que é que você queria mais?

PUTZ: Há sombra e folhas e frutos, mas... As flores! Onde estão as flores?

GRILO: Ora... flores!

(As árvores se afastam; baixou de repente uma tristeza enorme - de quarta-feira de cinzas de folião pobre.)

2ª ÁRVORE: Só temos flores uma vez por ano...

GRILO: Para que flores?

1ª ÁRVORE: As flores viram frutos, pronto.

3ª ÁRVORE: Eu também sinto falta. Mas as flores só nascem com o Sol.

PUTZ: O Sol...

2ª ÁRVORE: Na época que o Sol vem, as flores nascem...

3ª ÁRVORE: E tudo fica claro e alegre...

1ª ÁRVORE: Mas o Sol não fica aqui. Tem que seguir caminho.

PUTZ: Eu não posso ficar!

1ª ÁRVORE: Louca! Quer dizer que vai andar?

GRILO: Olha a multa! É lei! E eu cumpro a lei!

2ª ÁRVORE: Mas aonde você vai?

3ª ÁRVORE: Aqui perto há um rio, que traz a água para nossas raízes. Como é que você vai atravessar?

GRILO: Ai, ai, ai! Não desafie a lei! Não desafie!

PUTZ: Mas eu tenho de ir. Eu... eu vou buscar o Sol para vocês!

GRILO: Então... paga primeiro!

PUTZ: Eu não tenho dinheiro!

3ª ÁRVORE: Não é dinheiro. Tem que dar algo seu - os cabelos, a mão...

PUTZ: Ahn...?

1ª ÁRVORE: Você é alegre. Pode dar sua alegria. Foi o que dei quando cheguei aqui.

PUTZ: Minha alegria? Mas eu preciso dela para andar!

GRILO: Se não paga, está presa!

PUTZ: Não sair mais daqui!

3ª ÁRVORE: Espere! Não vamos deixar que prenda a Putz!

GRILO: Hein? Estão pensando que vão me deter?

2ª ÁRVORE: E quem disse que não?



GRILLO: Eu sou a lei! Eu sou a autoridade! Eu...

3ª ÁRVORE: Não é coisa nenhuma!

(As árvores se fecham, barrando-lhe a frente. Sururu, confusão. Putz aproveita pra sair correndo. Black-out. Reacende: caminho.)

PUTZ: (Procurando) Onde está o Cavalinho? Ah, meu Deus, não sei se é este o caminho e não consigo ver aonde ele foi!

(De lugar totalmente inesperado: do alto, seria o lógico - se a lógica mandasse nas coisas.)

PÁSSARO: Chamou...?

PUTZ: Ahn? Onde...? Ah, boa tarde, Snr. Pássaro. Não viu um cavalinho, ou um coelho por aqui?

PÁSSARO: Hum... Você não aprende, hein?

PUTZ: Não aprendo...? O quê?

PÁSSARO: Não aprende, não aprende! Já não disse que quem cresce se transforma?

PUTZ: Quem cresce se transforma. Eu sei.

PÁSSARO: Sabe mesmo, é?

PUTZ: Claro. Eu mesma já mudei bastante. Mas o que preciso agora é encontrar meu amigo, o Cavalo.

PÁSSARO: Hum... Só que não vê que sou eu o Cavalo?

PUTZ: O senhor... quer dizer, você?! Mas... de coelho virar cavalo ainda entendo. Mas cavalo virar pássaro é difícil!

PÁSSARO: Se fosse fácil é que não tinha graça.

PUTZ: Mas assim... não vai poder seguir comigo.

PÁSSARO: De fato, para mim vai ser mais fácil: você vai ter que atravessar o rio. Depois vem a montanha. E a subida cansa. Por isso virei pássaro: do alto é mais fácil que no chão.

PUTZ: E eu...?

## A MENINA QUE BUSCAVA O SOL

Texto de Maria Helena Kühner

PÁSSARO: Você? Este pedaço tem que andar sozinha. Não disse que enfrentava o que viesse?

PUTZ: O rio... E a montanha... E se eu não conseguir?

PÁSSARO: Só prometi que mostrava o caminho. O resto é com você. Olha: estamos chegando ao rio.

PUTZ: E como é que eu vou atravessar?

PÁSSARO: É com você, já disse. Espero você na subida da montanha.

PUTZ: Espera! Me leva em suas asas!

PÁSSARO: Não posso. Procure um meio de atravessar.

PUTZ: Um meio? Mas qual? ...

PÁSSARO: Procure. Se estiver solta, como na Terra dos Ventos e com o calor que trouxe da Terra do Fogo... Deixo também com você os frutos que apanhei das árvores. Coragem! Tchau!...

(De novo vamos lembrar nossa "civilização da imagem": a travessia é ao vivo e sem palavras. Pode ser algo simples, como a técnica chinesa de fazer rio (aquela do pano horizontal, leve e largo, os peixes aplicados, seguro nas extremidades e movido de forma adequada de modo a formar ondas). Atrás dele, Putz navega. Com as mãos vai recolhendo do rio alguns peixes. Cena em todos os tons de azul. Luz em tons que ajudem a matizar as águas. Música leve, ritmando o navegar. Black-out.)

PUTZ: (Já no outro lado) Ufa!... Pensei que não chegava... (Pausa. Olha em volta) Lugar tranquilo... Onde é que terá ido o Pássaro? Vou esperar por ele. Ou é melhor seguir? Disse que me encontrava na subida da montanha...

VOZ: Mas já estamos na subida da montanha.

(Figura em traje cor de areia, meia-idade, ar tranquilo. Tem na cabeça algo aceso, o que o faz parecer um grande vaga-lume.)

VAGA-LUME: Você é Putz. E vem buscar o Sol, não é? Bom que tenha chegado.

PUTZ: Como é que o senhor sabe?

(Surgem outros "vaga-lumes", todos com a mesma luz ao pescoço, ou na testa, ou nas mãos. Os trajes terão todos os tons de terra, do marrom ao bege. A luz cresce.)

## A MENINA QUE BUSCAVA O SOL

Texto de Maria Helena Kühner

: Vimos você atravessando o rio.  
: Vemos longe.  
: Vemos quase tudo que se passa aqui.  
: Sabemos muita coisa.

1º VAGA-LUME: E é por isso que temos o Sol.

PUTZ: O Sol... aqui?!

: Claro.  
: Também viemos em busca do Sol.  
: Também atravessamos os ventos... e o fogo... e a água... até chegarmos aqui.

(Putz se animando cada vez mais.)

PUTZ - Puxa, nem fala, o Sol... aqui! Eu já estava tão... Acho que não ia andar mais!

: Todos nós chegamos assim.  
: É que é longe o caminho. Cansa mesmo.

1º VAGA-LUME: Trate de descansar um pouco, que ainda vai ter trabalho pela frente antes de ver o Sol.

PUTZ? Ah, depois dessa eu faço qualquer coisa! Diz lá que eu faço! Ora, se faço!  
É pra já! E onde é que ele está?

: Quem?

PUTZ: O Sol!

: Os sóis, você quer dizer?

PUTZ: Os sóis?!... Tem mais de um?

1º VAGA-LUME: Cada qual tem o seu.

PUTZ: Mas... eu sempre ouvi dizer que o Sol é um só. E de todos.

1º VAGA-LUME: Não. Olhe só: o meu está aqui. (Mostra a sua luz).

: O meu também.

: O de nós todos.

PUTZ: Mas... isto é o Sol? Parecem vaga-lumes.

: Os sóis são vaga-lumes.

PUTZ: Os sóis são vaga-lumes?!...

1º VAGA-LUME? Cada um que chega busca o seu. Constrói um lugar para ele. E fica com ele guardado consigo.

: Mas iluminando também à sua volta.

PUTZ: É bom, trazer sua luz consigo...

: E em torno de nós há sempre luz.

: E quando nos juntamos, a luz cresce...

: Como se fosse a de um enorme Sol.

: Quer ver?

(Começam a juntar-se e a luz sobe, realmente.)

PUTZ: Puxa, vocês juntos iluminam mesmo! Só não entendo é...

(Interrompe-se ao ver que algo estranho começa a acontecer entre eles: um empurra-empurra, cada qual querendo ficar mais em destaque.)

: Hei, chega pra lá!

: Vê se não fica na minha frente!

: E o que você pensa!

: Aqui é meu lugar!

: Não sei por quê!

: Cheguei primeiro e o meu sol é maior!

: Convencido!

: Presunçoso!

: É você!

: É você!

## A MENINA QUE BUSCAVA O SOL

Texto de Maria Helena Kühner

(Confusão de futebol, na hora de querer dar no juiz.)

1º VAGA-LUME: Parem! Não façam isso! Parem!

(Nem a notam mais, envolvidos na própria competição. Putz vai se afastando.)

(O 1º Vaga-lume a segue até a boca de cena.)

1º VAGA-LUME: Espere! Não quer seu sol?

PUTZ: Quero, mas... Não é isso... O Sol, para mim, não é isso!

1º VAGA-LUME: Quer ir adiante?

PUTZ: Adiante? Não sei... Eu não aguento mais...

1º VAGA-LUME: Se acha que não é isso, deve ir adiante.

PUTZ: Mas será que está muito longe ainda?...

(Seus olhos se alongam medindo uma distância imprevisível. Rosto inquieto e triste. Black-out. Reacende na semi-obscuridade. Vazio total na cena. Mal se vê Putz, pequena mancha clara no meio das sombras.)

PUTZ: Acho que não dá mais... pra que é que eu vim para aqui? Não tem ninguém... Será que ninguém mais está buscando o Sol?

(Desolação total. Música suave, triste, ela zanzando, perdida.)

PUTZ: Ninguém... Estou sozinha... Agora entendo porque aquelas estátuas têm medo... e as árvores desistem das flores... e os da montanha chegam a pensar que sua luz pequena é o Sol... Era melhor ter ficado lá com eles... Pelo menos andavam... e tinham um pouco de luz... (Pausa) Não aguento ficar aqui sozinha... Estou ficando com medo... e com sede... E está frio... frio...

(Vai desfalecendo, devagar, até deitar-se no chão.)

: Nada, nada...

(Pausa longa. Pulo súbito.)

: Espera! Parece que ouvi passos!

(Para e escuta: nada.)

## A MENINA QUE BUSCAVA O SOL

Texto de Maria Helena Kühner

: Ou foi só impressão? Não... Eu ouvi... Foi quando encostei o ouvido na terra... Se eu colar bem o ouvido na terra...

(Faz o que diz.)

: Passos! São passos, tenho certeza! Vem alguém aí!

(Levanta-se de novo. O ruído começa a ser audível.)

: Quem será?...

Expectativa: reações alternadas, medo, ânsia, busca e recuo, etc. (Teste da atriz também: fazer a expectativa passar à plateia).

O ruído cresce, cresce... ( luz nova e azul ) e súbito surge alguém do outro lado:

: O Pássaro...?

(Ele traz ainda suas asas de pássaro. Mas rosto já humano, natural. Olha-o, surpresa.

Pausa: o lento reconhecimento, olhos nos olhos, enquanto ele desce lentamente as asas, exibindo sua forma humana.

Esboço de sorriso. De comunicação. Que os atores aproveitem a epidemia de expressão corporal e sirvam-se. Mas pra valer: coisa de dentro. Viva. Linguagem mesmo, do gesto e do corpo. Levando da expressão à comunicação. Dos dois. E deles para todos.

ELE: Por onde você veio?

ELA: Vim pela terra. Atravessei o rio.

ELE: Eu vim do mar.

ELA: Trouxe dele, este azul?

ELE: Como você trouxe o verde que brota da terra.

(Alegria: aquela alegria! Aproximam-se mais: ENCONTRO.

Da alegria e do encontro, surge, espontânea a brincadeira - pega-pega, currupio e danças e riso e fala e canto e tudo.

E, à medida que começam a brincar, outros mais vão surgindo, rostos igualmente livres. A cada um que surge, recebido com alegria, uma nova cor se acrescenta à luz, que irá pouco a pouco tornando a cena um enorme arco-íris):

1º: Eu vim no sopro dos ventos...



## A MENINA QUE BUSCAVA O SOL

Texto de Maria Helena Kühner

2º: E eu numa gota de orvalho...

3º: Também subi a montanha...

4º: Vim em nuvem de fumaça...

5º: Também estou buscando o Sol!

(Sempre rindo e brincando, cresce sobre eles a música, que eles vão cantarolando juntos. Quando se dão as mãos e o canto cresce, a luz vai subindo, subindo até a luz forte, branca, viva, total, todas as cores juntas: PRESENÇA DO SOL.)

ELA: Olha! O Sol!

ELE: O Sol...

TODOS: O Sol!

(Transbordamento, gente se derramando, vida explodindo, total, enquanto, em clima de magia e festa, a luz se desdobra no arco-íris sonhado, matizado em todas as suas cores.)

**F I M**

Obs.

Este texto foi retirado do site do CBTIJ - Centro Brasileiro de Teatro para a Infância e Juventude. Lembramos que qualquer montagem, profissional ou amadora, desse texto, requer a autorização do autor, ou da entidade detentora de seus direitos autorais.

Este texto foi também publicado pela Editora Vertente Cultural, do Rio de Janeiro, numa compilação de textos da autora, chamado *Teatro para Crianças e Jovens (De Todas as Idades)*, em 2011.

Contato da Autora: [mhkuhner@yahoo.com.br](mailto:mhkuhner@yahoo.com.br)

Contato CBTIJ: [cbtij@cbtij.org.br](mailto:cbtij@cbtij.org.br)

## Observações sobre o espetáculo:

A primeira montagem foi no Teatro Toneleros, em Copacabana, Rio de Janeiro, em 1975, com direção de João Carlos Barroso.

Foram realizadas mais de 50 montagens em diversos estados do Brasil, às vezes em diversas cidades de um mesmo estado: RS (Porto Alegre, Pelotas, Santa Maria), ou Minas Gerais (Belo Horizonte, Juiz de Fora, Patos de Minas), ou Santa Catarina (Blumenau, Florianópolis). Também foram realizadas montagens em tempos diferentes em uma mesma capital (ex: três montagens no RJ, em 1975, 1983 e 1994).

No Exterior foi encenada na Argentina, México, Israel, Portugal.

## Carta à Autora

Em 9 de janeiro de 1976 a Autora recebeu da jornalista Lúcia Rito, do Jornal do Brasil, Rio de Janeiro, uma carta com uma curiosa informação: o texto, supostamente infanto-juvenil, estava sendo usado em sessões de psicanálise de um grupo de 6 adultos, como representativo do processo de busca da identidade em suas diferentes etapas.

É desta carta o trecho que se segue:

"Que barato! Coisa fantástica! Devia ser o momento de todo mundo, devia ser a procura de todos os muitos que estão parados na terra dos ventos, das estátuas, do fogo (....). Ou que não sabem conviver com uma solidão necessária à busca e ao mergulho em si mesmo em outros momentos. (.....) Ou que, cegados por sua pequena luz de vaga-lumes, se perdem na competição e na inveja, achando que são o próprio sol. Incrível também descobrir a importância, o bem que a descoberta individual pode trazer ao coletivo (.....). A peça traz esperança, é inacabada, infundável. Uma mensagem de vida, uma reafirmação de que as dificuldades estão aí para serem enfrentadas, vividas, porque delas sai algo novo, bom ou ruim, mas novo. É importante tentar passar pros outros essa necessidade de busca e caminhar, este grito de não-conformismo (.....). Quem sabe, um dia, este mundo venha a ser realmente povoado por pessoas também dispostas, acima de tudo, a encontrar o Sol!"